

ALEXANDRA ADORNETTO

# Céu

Tradução

Raquel Dutra Lopes

**LIVROS FANTÁSTICOS**

 Planeta

*Não quero ir para o céu. Nenhum dos meus amigos está lá.*

Oscar Wilde

*Se o céu não for lá muito parecido com Dixie, não quero ir  
Se o céu não for lá muito parecido com Dixie, mais vale ficar em  
casa.*

Hank Williams Jr.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> *If heaven ain't a lot like Dixie*, canção de Billy Maddox e David Leslie Moore, interpretada por Hank Williams Jr. (N. da T.)



Para quem acredita



## Índice

Capítulo 1	Até à morte . . . . .	13
Capítulo 2	Pernas para que vos quero . . . . .	24
Capítulo 3	Homens de negro . . . . .	36
Capítulo 4	Abrigados pelas árvores . . . . .	44
Capítulo 5	Caminhar sobre as águas . . . . .	54
Capítulo 6	Temos de conversar . . . . .	64
Capítulo 7	Universitários . . . . .	74
Capítulo 8	A companheira de quarto . . . . .	86
Capítulo 9	Noite estrelada . . . . .	95
Capítulo 10	De Dixie, com amor . . . . .	104
Capítulo 11	Olá, desconhecido . . . . .	116
Capítulo 12	Que estranhos irmãos . . . . .	126
Capítulo 13	Lá vem a noiva . . . . .	137
Capítulo 14	Confronto . . . . .	145
Capítulo 15	Estão dispensados . . . . .	154
Capítulo 16	Os mortos e os que dormem . . . . .	162
Capítulo 17	Um inquilino mau . . . . .	174
Capítulo 18	Coisas que assustam . . . . .	184
Capítulo 19	Dores antigas . . . . .	197
Capítulo 20	Rafael . . . . .	211
Capítulo 21	Vamos conseguir, vamos . . . . .	219
Capítulo 22	Fale agora ou cale-se para sempre . . . . .	228
Capítulo 23	Eu sei uma coisa que tu não sabes . . . . .	239

Capítulo 24	O segredo mais bem guardado. . . . .	248
Capítulo 25	Vê-me a arder. . . . .	256
Capítulo 26	Leva-me para casa. . . . .	269
Capítulo 27	Refém. . . . .	281
Capítulo 28	Tentaram obrigar-me a ir para uma clínica de reabilitação . . . . .	291
Capítulo 29	Vejo gente morta. . . . .	301
Capítulo 30	Zach. . . . .	309
Capítulo 31	O Anjo Negro. . . . .	317
Capítulo 32	Tormento . . . . .	325
Capítulo 33	Metamorfose . . . . .	335
Capítulo 34	Aurora . . . . .	345
Agradecimentos . . . . .		355

## CAPÍTULO 1

### *Até à morte*



Tudo começou a estremecer.

Agarrei-me à borda da mesa e observei o meu anel de noivado rebolar para o pavimento branco e preto do Café Namorados. O tremor durou apenas alguns segundos mas a *jukebox* parou de tocar e as empregadas assustadas equilibraram-se a custo, de bandejas carregadas nas mãos.

Lá fora, vi o céu escurecer como pele magoada e as copas das árvores tremerem como se estivessem a ser abanadas por uma mão invisível. A expressão perdida e beatífica no rosto de Xavier desapareceu, substituída pelo olhar duro e combativo que, ultimamente, eu tinha visto com demasiada frequência. Apertei-lhe a mão com mais força, fechei os olhos e esperei pela luz ofuscante que decerto surgiria, para me devolver à minha prisão nos céus.

Porém, passado um instante a terra estava de novo imóvel e, à nossa volta, a actividade normal recomeçou. Todos se tinham preparado para algo pior e soltaram um suspiro colectivo de alívio por não ser esse o resultado. Já estavam a rir, a fazer comentários acerca da imprevisibilidade da Mãe Natureza, enquanto as empregadas se apressavam a limpar bebidas entornadas. Ninguém ficara a pensar no que tinha acontecido – decerto seria digno de nota durante um dia ou dois, após o que cairia no esquecimento. Contudo, eu e Xavier não nos deixávamos enganar com tanta facilidade. Havia perturbações no Reino; nós sentíamos.

Ponderei dizer-lhe que aquilo talvez não fosse assim tão boa ideia, que deveríamos devolver o anel da avó dele e regressar à Escola Bryce Hamilton, onde poderíamos assistir ao resto da cerimónia de final de ano. Se nos apressássemos, ainda era provável que conseguíssemos chegar a tempo de Xavier proferir o seu discurso de despedida. Todavia, quanto mais olhava para ele, mais vacilava na minha resolução.

O meu lado cumpridor reconhecia a sensatez de acatar o aviso, jogar com calma de acordo com as regras e não desafiar a vontade do Céu. Porém, sentia uma agitação rebelde dentro de mim que me dizia que era demasiado tarde para voltar para trás. Deixei que a rapariga tímida que eu fora em tempos se encolhesse nas sombras como uma solteirona num baile e permiti que a nova Beth se impusesse. Não a conhecia assim tão bem mas, de certa forma, parecia-me que ela sempre estivera ali, à espera nas asas, um esboço pronto para quando chegasse o seu momento de brilhar.

Foi esta Beth quem se levantou e agarrou na mala.

– Vamos.

Xavier atirou umas quantas notas para o tampo da mesa e seguiu-me para a rua. Virou a cara para cima, a semicerrar os olhos para os proteger do sol, que reaparecera, e soltou um grande suspiro.

– Achas que aquilo nos era dirigido?

– Não sei – respondi. – É possível que estejamos a tirar demasiadas ilações.

– Talvez – disse Xavier. – Mas uma coisa daquelas nunca tinha acontecido e eu passei toda a minha vida aqui.

Olhei para um lado e para o outro da Rua Principal. As pessoas pareciam dedicar-se aos seus afazeres como de costume. Reparei que o xerife tinha saído para tranquilizar uns turistas nervosos. A sua voz calma alcançou-nos:

– Não há motivo para alarme, minha senhora. É raro termos terramotos por estas bandas, mas não vale a pena preocuparmo-nos.

Os turistas pareciam apaziguados pelas suas palavras, mas eu sabia que a terra a tremer não poderia ser uma mera coincidência. Era um aviso lá de cima, sem a intenção de causar quaisquer danos, apenas com o objectivo de nos chamar a atenção. E conseguira-o.

– Beth? – hesitou Xavier. – O que fazemos agora?

Olhei de relance para o *Chevy* estacionado do outro lado da rua – só demoraríamos cinco minutos a chegar à capela junto à água, na qual o padre Mel nos esperava. Lembrei-me de o ter visitado com Gabriel e Ivy quando chegámos à Enseada de Vénus e, apesar de a questão nunca ter sido discutida, ele percebera o que nós éramos. A expressão do seu rosto revelara tudo. Dei por mim a pensar que, para um homem tão pio como o padre Mel aceder a casar-nos, deveria acreditar na nossa união. Era reconfortante saber que tínhamos ao menos um aliado no nosso campo.

Debati-me interiormente por um instante, até que reparei num casal idoso sentado num banco de madeira da praça. O homem segurava na mão da mulher e sorria para si mesmo enquanto a brisa lhe agitava o cabelo branco e o sol lhe aquecia a nuca. Perguntei-me há quanto tempo estariam juntos, quanta da viagem da vida teriam partilhado. Era uma tarde soa-lheira e as bétulas alinhadas no passeio rebrilhavam ao sol. Vi passar um homem a fazer *jogging*, a ouvir música no seu *iPod*, e um rapazinho dentro de um carro a fazer caretas aos peões que iam passando. Talvez eu não tivesse nascido neste mundo, mas sabia que conquistara o direito a estar nele. Não abdicaria desse direito com tanta facilidade.

Levei as mãos ao rosto de Xavier e segurei-o.

– Se não estou errada... acabaste de me pedir em casamento.

Ele fitou-me com um ar incerto por um instante até compreender o que eu lhe dizia. Então o seu rosto iluminou-se com um sorriso. Agarrou-me a mão com um fervor redobrado e corremos na direcção do *Chevy* estacionado. No assento traseiro estavam os chapéus e trajas académicos que ali tínhamos largado antes, mas nem eu nem ele lhes prestámos atenção. Seguimos em silêncio, com Xavier a carregar no acelerador e o carro a avançar para a costa. Quaisquer dúvidas que pudéssemos ter sentido haviam-se evaporado. Acontecesse o que acontecesse, íamos manter-nos fiéis ao nosso plano.



A Igreja de São Marcos era um edifício de arenito, construído por colonos europeus logo a seguir à Guerra da Secessão. Uma vedação de ferro

forjado rodeava-a e chegava-se às portas ogivais de carvalho por um caminho de seixos ladeado por campainhas azuis. Fora a primeira igreja católica a ser construída na região e o muro que delimitava o jardim lateral recordava soldados confederados falecidos. A Igreja de São Marcos era muito importante para Xavier e para a sua família. Ele fizera a catequese ali e participara em todos os cortejos natalícios até ter idade suficiente para isso o envergonhar. O padre Mel conhecia cada um dos membros da família Woods. Dentro de poucas semanas, ia celebrar o casamento da filha mais velha, Claire. Xavier, seu irmão, seria um dos padrinhos.

Assim que atravessámos a entrada ogival, o bulício do mundo exterior foi abafado. Os nossos passos ecoavam no mármore de veios vermelhos do chão da igreja e havia pilares de pedra imponentes a suportar o tecto abobadado acima de nós. Uma estátua de Cristo crucificado dominava a nave, com a Sua cabeça coroada inclinada mas os olhos voltados para o Céu. No tecto, mosaicos com retratos de santos mártires fitavam-nos. Uma luz dourada e ténue banhava a igreja, reflectindo-se no tabernáculo dourado onde estavam as hóstias sagradas. Nas paredes, havia pinturas dos catorze Passos da Via-Sacra em molduras elaboradas e trabalhadas. Os bancos eram de madeira de sequóia polida e o cheiro a incenso impregnava o ar. O vitral acima do altar representava Gabriel, de cabelos louros, rosto severo e uma túnica vermelha, a transmitir a sua mensagem a Maria, estupefacta e ajoelhada. Era estranho ver uma interpretação artística do meu irmão arcanjo. O verdadeiro Gabriel era tão belo e formidável que a sua aparência nunca poderia ser de facto capturada. Não obstante, as cores ondulavam com a luz, o que fazia as figuras ganharem vida diante dos nossos olhos.

Eu e Xavier parámos à entrada, molhámos os dedos na bacia de água benta e benzemo-nos em unísono. Um roçar suave de tecido precedeu o padre Mel. Quando este surgiu, estava a envergar trajes completos que se arrastavam pelo chão com um som sibilino à medida que ele descia os degraus atapetados para nos cumprimentar. Era um homem calvo, de olhos brilhantes, que não parecia surpreendido por nos ver. Deu um abraço caloroso a Xavier e depois acolheu a minha mão entre as suas como se nos conhecêssemos há muito.

– Tenho estado à vossa espera – disse-nos, num tom encorajador.

O padre Mel acompanhou-nos até à parte da frente da igreja, onde ambos nos ajoelhámos diante do altar. Perscrutou-nos os rostos, em busca da confirmação da nossa sinceridade.

– O casamento é um compromisso sério – declarou. – Vocês são muito jovens. Ponderaram ajuizadamente o que estão prestes a empreender?

– Sim, padre, ponderámos – replicou Xavier num tom que teria convencido até o céptico mais ardente. – Ajudar-nos-á?

– Hum – foi o início da resposta grave. – O que dizem os vossos familiares a respeito de tudo isto? Decerto quereriam estar presentes numa ocasião tão importante? – O olhar do padre ficou mais severo quando se fixou no meu.

– Esta é uma decisão nossa – disse Xavier. – Quem me dera que pudessem estar aqui ... mas eles não compreenderiam.

O padre Mel assentiu com a cabeça enquanto assimilava o significado completo das palavras de Xavier.

– Não se trata de uma paixoneta de adolescentes – intervim, receosa de que ele pudesse precisar de mais persuasão. – O senhor padre não faz ideia daquilo por que passámos para chegarmos aqui. Por favor, não podemos esperar nem mais um dia por pertencermos um ao outro aos olhos do Senhor.

Percebi que o padre Mel estava a ter dificuldades em ignorar a nossa urgência, mas que a consciência o aconselhava a agir com precaução. Eu teria de me esforçar mais para conseguir convencê-lo.

– É a vontade de Deus – disse-lhe de repente, ao que vi os seus olhos a arregalarem-se. – Ele juntou-nos por um motivo. O senhor padre, mais do que qualquer outra pessoa, deveria saber que Ele tem um desígnio para todos e este é o nosso. Não nos compete questioná-Lo, queremos apenas aceitar o que Ele criou entre nós.

Este argumento pareceu resultar. O padre Mel não poderia rejeitar o que parecia ser uma directiva flagrante vinda de cima. Agitou as mãos, num gesto de consentimento.

– Muito bem, então. Não valerá a pena obrigar-vos a esperar mais. – Fez sinal a alguém que, até então, estivera ocultada nas sombras. – Tomei a liberdade de pedir à senhora Alvarez que fosse testemunha da cerimónia.

Virámos a cabeça e deparámo-nos com uma mulher que tinha estado a rezar em silêncio ao fundo de um dos bancos corridos. Quando ela se levantou e aproximou do altar, reconheci-a: era a governanta do presbitério. A senhora Alvarez alisou rugas imaginárias na sua blusa estampada. Não conseguia disfarçar o entusiasmo que sentia por representar um pequeno papel naquilo que deveria parecer-lhe uma fuga amorosa louca e romântica. Quando falou, até parecia estar um pouco ofegante.

– É o filho da Bernadette, não é? – perguntou com um sotaque espanhol muito carregado. Xavier acenou com a cabeça e desviou o olhar, prevenindo uma reprimenda. Mas a senhora Alvarez limitou-se a apertar-lhe um pouco o braço, num gesto cúmplice. – Não se preocupe; não faltará muito para que todos fiquem contentes por si.

– Começamos? – perguntou o padre Mel.

– Por favor... *un momento* – pediu a senhora Alvarez, a abanar a cabeça enquanto me observava com um ar tristonho, antes de se escusar.

Ficámos confusos à sua espera, até que ela voltou e me ofereceu um ramo de margaridas que apanhara à pressa no jardim da igreja.

– Obrigada – agradeceu-lhe com um sorriso. A premência que tínhamos para chegar ali não nos dera tempo para pensarmos em pormenores. Tanto Xavier como eu continuávamos com a farda da escola.

– Não tem de quê. – Encantada, ficou com rugas em redor dos olhos.

A luz solar que passava pelo vitral imbuía Xavier de tons dourados. Ele até poderia estar a usar os seus velhos calções de ginástica, não faria qualquer diferença: a sua mera presença era estonteante. Pelo canto do olho, vi de relance um pouco da minha cascata de cabelo castanho, raiado de cobre e bronze. O meu reflexo parecia resplandecer. Uma pequena parte de mim queria encarar isto como um sinal de que talvez a nossa união fosse bem-vista no Céu. Afinal, a terra parara de tremer e o tecto não dava mostras de ir ceder. Havia a possibilidade, por ínfima que fosse, de que até o Céu tivesse de aceitar um amor como o nosso.

Quando olhei para Xavier, apercebi-me de que algo em mim mudara. Eu não estava avassalada pela habitual torrente de emoção – um amor tão intenso que por vezes me parecia que o meu corpo não seria capaz de o conter sem explodir. Em vez disso, sentia-me em paz, como se o meu

universo estivesse a tornar-se o que deveria ser. Apesar de conhecer o rosto de Xavier como a palma da minha mão, sempre que olhava para ele era como se o visse pela primeira vez. Havia tanta profundidade e complexidade nas linhas graciosas do seu rosto: os lábios cheios que se arqueavam num pequeno sorriso, os malares definidos e os olhos amendoados que eram de um azul-turquesa como a superfície do oceano. Dedos de luz bailavam-lhe no cabelo cor de mel, fazendo-o brilhar como bronze polido. A sua farda da escola – o *blazer* azul-escuro com o emblema da Bryce no bolso – parecia adequada à solenidade da ocasião. Xavier levou a mão ao pescoço para dar um último retoque na gravata. Não consegui perceber se estava ou não nervoso.

– Tenho de estar no meu melhor, hoje – disse-me, com uma piscadela de olho.

O padre Mel abriu as mãos e manteve-as erguidas numa atitude cerimoniosa.

– Vieram juntos a esta igreja para que o Senhor possa consagrar e selar o vosso amor através do santo matrimónio. Que possam ambos assumir os deveres do casamento, com respeito mútuo e fidelidade duradoura. E assim, na presença da Igreja, peço-vos que declarem as vossas intenções. Amar-se-ão e honrar-se-ão como marido e mulher para o resto das vossas vidas?

Xavier e eu olhámos para cima como se, de súbito, nos apercebêssemos do carácter sagrado do momento. No entanto, não hesitámos e respondemos em uníssono, como se os nossos seres individuais já se tivessem entrelaçado.

– Sim.

– Dêem as mãos direitas e declarem o vosso consentimento perante Deus e a Sua Igreja. Xavier, repete o que vou dizer.

Xavier enunciou todas as palavras com cuidado, como se cada uma comportasse tanto peso que não pudesse ser apressada. A sua voz parecia música. Eu sentia-me tão zozna que tive de lhe apertar as mãos com mais força, receando começar a flutuar. O seu olhar não se desviou do meu enquanto falava.

– Eu, Xavier Woods, recebo-te, Bethany Church, como minha legítima esposa, prometo ser-te fiel e respeitar-te, para o melhor e para o pior,

na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, durante todos os dias da minha vida.

Depois foi a minha vez. Devia estar nervosa, pois ouvi a minha própria voz a vacilar enquanto pronunciava os mesmos votos sob o olhar austero do padre Mel. A senhora Alvarez tirou um lenço rendado da manga e secou os olhos. À medida que falava, nem eu conseguia evitar que as lágrimas me corressem pelo rosto. Até esse momento, nunca tinha compreendido o que significava chorar de alegria. Senti a ponta do polegar de Xavier a acariciar-me a mão e, por um segundo, perdi-me na profundidade do seu olhar. A voz do padre Mel chamou-me para o presente.

– Está na altura das alianças, que darão um ao outro como símbolo do vosso amor e fidelidade.

Xavier segurou-me na mão e colocou-me o anel da avó no dedo. Era do tamanho certo, como se estivesse a afeiçoar-se para sempre a mim. Desejando ter tido mais tempo para planear tudo aquilo, tirei com discrição o meu anel de turma, que tentei enfiar no dedo anelar de Xavier. Como é óbvio, era demasiado pequeno e só lhe cabia no mindinho. Ficámos paralisados, a pensar que tínhamos estragado tudo. Mas logo tornámos a descontrair quando a senhora Alvarez tapou a boca para disfarçar o riso.

– Que a vossa união seja abençoada pelo Senhor – concluiu o padre Mel. – Que traga paz e harmonia às vossas vidas. Declaro-vos marido e mulher.

E pronto. A cerimónia tinha acabado e nós estávamos casados.

Durante toda a minha vida, eu sentira-me como uma marginal, a olhar para um mundo ao qual nunca poderia pertencer. No Reino, eu existira, mas nunca vivera de facto. Conhecer Xavier alterara tudo isso. Ele acolhera-me, amara-me e tomara conta de mim. Nunca lhe importara que eu fosse diferente e dera vida a todo o meu mundo com a sua simples presença. Eu sabia que nos aguardavam dificuldades, mas a minha alma passara a estar inextricavelmente ligada à dele e nada, nem o Céu nem o Inferno, poderia separar-nos.

Esquecemo-nos de esperar pela directiva formal do padre e entregámo-nos logo a um beijo. Havia algo distinto na natureza do abraço que partilhámos. Daquela vez, tinha um carácter sagrado. As minhas asas

começaram a zumbir debaixo da camisa e todos os centímetros da minha pele começaram a inflamar-se, espalhando um brilho quente pelo meu corpo. Em seguida a luz da minha pele fundiu-se com a do Sol, que o vitral filtrava. Explodiu a refulgir, prendendo-nos dentro de um prisma de luz cintilante. O padre Mel e a senhora Alvarez arquejaram, surpreendidos, mas um segundo depois o prisma estilhaçou-se, com o Sol a esconder-se atrás de uma nuvem.

A senhora Alvarez estava tão arrebatada que desatou a congratular-nos em espanhol e deu-nos beijos tão vigorosos como se fôssemos familiares seus há muito perdidos. Só parou quando o padre Mel nos encaminhou para o altar, para que assinássemos o assento de casamento.

Eu tinha acabado de pousar a caneta quando as portas da igreja se escancararam, com um baque tão forte que todos nos sobressaltámos.

À entrada estava a figura de membros desajeitados de um adolescente com um rosto efeminado e o cabelo penteado para trás, colado à cabeça. Usava um roupão preto, com capuz, e tinha três pares de asas negras abertos nas costas. Fez uma vénia formal, sem desviar o olhar do padre Mel, e aproximou-se do altar com um andar tão ensaiado que até parecia que estava numa passarela. Uma foice brilhante oscilava a seu lado. Percebi de imediato o que ele era: um Ceifador de Almas, treinado pelo próprio Anjo da Morte. Gritos histéricos provinham da senhora Alvarez, que tentava refugiar-se atrás do altar. Quando se escondeu, passaram a ouvir-se preces frenéticas em espanhol. Por tradição, os Ceifadores só são vistos por aqueles que eles procuram mas, neste caso, a etiqueta tinha sido abandonada. Cada movimento parecia deliberado, com o propósito de nos transmitir uma mensagem nítida. Aquela morte seria responsabilidade nossa.

Por instinto, empurrei Xavier para o chão. Ao mesmo tempo, as minhas asas abriram-se, protegendo-o; um Ceifador nunca poderia reclamar uma alma enquanto o Anjo da Guarda estivesse a vigiá-la. Porém, depressa descobri que não era Xavier quem o jovem Ceifador tinha em mente.

De olhar intenso fixo no padre Mel, apontava para ele com um dedo esguio. O padre pestanejou, confuso, antes de andar às arrecuas até ficar encostado ao altar, com os óculos de massa enviesados.

– Eu só queria ajudar. Eu só queria ajudar – repetia.

– A tua intenção é irrelevante – respondeu o Ceifador num tom gélido.

O padre Mel hesitou por um instante e depois endireitou-se.

– Respondi ao chamamento do Senhor.

– Sabes o que ela é? – perguntou-lhe o Ceifador. – Ela não é humana.

O padre Mel não pareceu surpreender-se. Ele sempre soubera que eu era diferente, embora nunca me tivesse questionado ou tratado como uma forasteira.

– Os desígnios de Deus são misteriosos – respondeu com coragem.

O Ceifador inclinou a cabeça.

– Deveras.

Observei a cena, fascinada, enquanto ele erguia uma mão e o padre Mel se dobrava com dores, agarrado ao peito. Estava com falta de ar quando caiu ao chão.

– Deixa-o em paz! – gritou Xavier, tentando libertar-se do meu aperto. Eu tinha-o preso ao chão, servindo-me de força que não sabia ter.

O Ceifador voltou-se para nós, como se só então nos visse, e fixou os seus olhos lânguidos em Xavier. O sorriso nos seus lábios de botão de rosa era quase insolente.

– Não é contigo que tenho questões a resolver – respondeu.

Depois percorreu a distância que o separava do padre prostrado no chão de mármore. Xavier debateu-se, mas o meu poder angélico mantinha-o preso.

– Beth, solta-me – implorou. – O padre Mel precisa de ajuda!

– Já não podemos ajudá-lo.

– O que se passa contigo? – quis ele saber, a olhar para mim com uma expressão estranha, como se não me reconhecesse.

– Não se pode combater um Ceifador – sussurrei. – Ele está a seguir ordens. Se te puseres no caminho dele, leva-te também. Não faças de mim viúva minutos depois de me tornar tua mulher.

Este argumento pareceu convencê-lo. Xavier parou de esbracejar e calou-se, embora os seus olhos estivessem cheios de angústia enquanto observava o pároco que fora seu mentor desde a infância sem nada poder fazer. O corpo do padre Mel contorceu-se por um instante e depois imobilizou-se. O Ceifador deslizou e reposicionou-se junto à cabeça do

cadáver. Eu sabia o que ele esperava. Uma sombra fumarenta emergiu da boca aberta do padre Mel e pairou no ar – uma réplica diáfana da forma sem vida caída no chão.

– Segue-me – instruiu o Ceifador numa voz inexpressiva. Quase parecia entediado.

A alma do padre Mel mostrou-se perdida por um momento, em busca de orientação, e em seguida obedeceu. Juntos, Ceifador e alma mortal ascenderam em direcção ao tecto abobadado da igreja.

– Para onde o levas? – exigiu saber, temendo a ideia de que o padre Mel fosse atirado para a fossa por ter tentado ajudar-nos.

– Os motivos dele foram puros, pelo que o seu lugar no Céu permanece intacto – respondeu o Ceifador sem olhar para trás ou interromper o seu voo. – Mas os seus dias neste mundo chegaram ao fim.